

País pede antecipação de crédito

ALBERTO TAMER
Especial para O Estado

LONDRES — “A reação que tenho sentido até aqui, no Canadá, em Honolulu, no Japão e no Oriente Médio não é aquela que se dizia que seria. É bem melhor”, disse, em Londres, Affonso Celso Pastore, que manteve ontem um primeiro contato com a diretoria de Lloyds Bank, com o governador do Banco da Inglaterra e uma demorada reunião com banqueiros brasileiros. O presidente do Banco Central, revelou que o Brasil pretende a liberação de até US\$ 3 bilhões, dos 6,5 bilhões novos que vierem a ser aprovados.

Essa importância poderá ser menor, pois vem melhorando a evolução do fluxo de caixa. O restante seria desembolsado pelos bancos em quatro parcelas trimestrais de US\$ 875 milhões. Os três bilhões servirão em grande parte para pagar todos os atrasados e, de certa forma, corresponderiam aos valores não complementados dos projetos e 3 e 4 do acordo anterior, não executado diante do impasse surgido, então, com o FMI.

Essa liberação seria feita depois que o Fundo aprovasse a nova carta de intenções do Brasil, o que deverá ocorrer em meados de novembro. Se tudo der certo, o Brasil fechará 1983 sem nenhum atraso e com um esquema armado para funcionar durante todo o ano de 84.

“O que tenho sentido, pelas perguntas feitas nesta minha viagem, é a preocupação de esclarecer dúvidas normais. Não sinto um clima negativo. Ao contrário”, disse ainda Pastore.

EXPORTAÇÕES

O governo britânico deixou claro ontem que pretende apenas partici-

par da operação de reescalonamento da dívida, recusando-se a colocar dinheiro novo em créditos à exportação, que, no fundo, beneficiaria as suas indústrias. A sra. Thatcher insiste na sua linha de endurecimento com o Brasil, à espera de uma atitude positiva ao seu desejo de que os aviões britânicos com destino às Falklands possam reabastecer-se no Brasil.

A primeira-ministra pretende obter o apoio da Alemanha que também tem adotado posições mais severas. O presidente do Banco Central não quis comentar o assunto, dando a entender, porém que deverá haver uma evolução mais positiva quando se acertar o pacote final. Quanto a essa linha de crédito comercial, de US\$ 2,5 bilhões, a Grã-Bretanha vem em terceiro lugar, depois dos Estados Unidos e do Japão. Os norte-americanos representando cerca de US\$ 1,5 bilhão, são os mais importantes, inclusive em termos de competição internacional.

No fundo, sabe-se que a posição da primeira-ministra — às voltas com o escândalo amoroso do seu protegido, Cecil Parkinson — não terá condições de sustentar uma posição isolada contra o Brasil. Nesse sentido, já foi voto vencido, entre os próprios bancos ingleses, no reescalonamento da dívida argentina.

O presidente do BC se reúne hoje, às 9h30, com representantes de 106 bancos da Grã-Bretanha, Israel, Nova Zelândia, Austrália, França, Espanha, Países Baixos, Bélgica, Portugal e Escandinávia. À noite, viaja para Zurique, onde se defrontará, talvez, com a etapa mais difícil de sua viagem, nos esclarecimentos aos bancos alemães e suíços, que não escondem suas críticas. O seu retorno ao Brasil se dará quarta-feira.